



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da abertura da Cúpula África-América do Sul (AFRAS)

Abuja-Nigéria, 30 de novembro de 2006

Minhas primeiras palavras são de agradecimento ao nosso anfitrião, ao seu governo e ao povo da Nigéria, pela calorosa acolhida.

Quando estive aqui, em 2005, o presidente Obasanjo sugeriu a idéia de uma Cúpula África-América do Sul. Com visão de estadista, percebeu o potencial de cooperação e solidariedade entre nossas duas regiões.

Pouco depois, os presidentes sul-americanos, reunidos em Brasília, apoiaram enfaticamente a realização desta Cúpula. Com igual entusiasmo, a União Africana, em Cartum, convocou o evento que hoje se torna realidade.

Saúdo todos os mandatários presentes e seus altos representantes.

A partir de hoje, a união entre a África e a América do Sul é parte integrante da agenda diplomática de cada um de nossos países.

Caros colegas,

O Brasil tem com a África laços profundos que definem nossa própria identidade. Somos a segunda maior nação negra do mundo.

Internamente, estamos tomando diversas iniciativas para valorizar a decisiva contribuição africana na construção da nação brasileira. E, acima de tudo, para superar as desigualdades raciais ainda existentes no País.

Em nossa atuação internacional, também temos um longo percurso comum com as nações africanas.

Defendemos, nas Nações Unidas, a causa da descolonização e o repúdio ao apartheid. Estivemos ao lado dos sócios africanos no processo de criação da Unctad.

Sofremos, juntos, os períodos recessivos e a desordem da economia



mundial, além dos efeitos perversos do protecionismo dos países ricos. Unimos nossas vozes por uma ordem econômica internacional mais justa e eqüitativa.

Hoje, a África é para o Brasil uma prioridade indiscutível. Desde o início de meu governo, visitei 17 países africanos e recebi 15 líderes da região. Tomei a iniciativa de abrir ou reativar doze embaixadas brasileiras em capitais deste continente.

O comércio com a região cresceu exponencialmente: aumentou 110% nos últimos quatro anos. A cooperação avançou. São muitos os projetos que temos em áreas como saúde e HIV-Aids, educação, agricultura e combate à fome e à pobreza.

Decidi, por exemplo, abrir em Gana um escritório da Embrapa, importante centro de pesquisa agrícola do Estado brasileiro, para reforçar nossa cooperação com o conjunto dos países africanos.

Há alguns meses, sediamos em Salvador, na Bahia, a segunda Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora.

A sociedade brasileira respondeu com entusiasmo e, no meu segundo período de governo, vamos aprofundar ainda mais a parceria entre o Brasil e as nações africanas.

Caros amigos,

Nossas regiões compartilham o entendimento de que a integração é instrumento fundamental para a superação dos desafios do desenvolvimento.

Uma das bases da parceria inter-regional que estamos construindo é a nossa Comunidade Sul-Americana de Nações. Em seu diálogo com o mundo, a América do Sul vai consolidando uma identidade própria. Tem como projeto um espaço de paz e democracia, com prosperidade econômica e justiça social.

A União Africana, por sua vez, já demonstrou a grande capacidade que tem de promover o diálogo e levar adiante projetos de envergadura. Os dirigentes africanos merecem o nosso aplauso por seus esforços na busca de soluções negociadas para suas diferenças.



Estou convencido de que podemos aprender muito uns com os outros. Sempre tivemos os olhos voltados para o Norte. E, muitas vezes, não percebemos que as respostas para os nossos problemas poderiam ser encontradas no diálogo com nossos pares.

Os biocombustíveis – o etanol, o biodiesel e o H-Bio – têm enorme potencial para fazer uma verdadeira revolução agrícola e energética em nossos continentes. Para a África, podem ser a chave de um novo modelo de desenvolvimento, pois diversificam a matriz energética, criam abundantes empregos, mantêm a população no campo e incidem positivamente sobre o comércio exterior dos países.

Isso pode ser feito em parceria com países desenvolvidos. Há exemplos de um forte potencial de cooperação triangular com a África, que temos que expandir.

Senhoras e senhores,

Como diz o escritor e diplomata brasileiro Alberto da Costa e Silva, o vasto mar que nos separa é, na verdade, um simples rio – “um rio chamado Atlântico”. O que estamos fazendo aqui, hoje, é construir uma ponte entre as margens desse rio.

Nossa ambição é ir além dos diálogos existentes e aproximar, em definitivo, os dois continentes.

Esta Cúpula abre um novo capítulo na história das relações Sul-Sul. Duas importantes regiões em desenvolvimento se reúnem por vontade política própria, sem intermediários.

Se queremos outra globalização – menos desigual, mais solidária – precisamos construir parcerias estratégicas que unam os países em desenvolvimento em torno dos mesmos objetivos e que atendam, sobretudo, os países mais pobres.

Uma nova geografia política e econômica mundial só será possível se atores com afinidades escolherem o diálogo direto e a ação conjunta nos foros



internacionais.

Meus amigos e minhas amigas,

A geologia nos ensinou que, há milhões de anos, a África e a América do Sul estiveram unidas num só grande continente. Quem nunca se admirou ao ver nos mapas o encaixe quase perfeito que existe entre o Nordeste brasileiro e a costa do Golfo da Guiné?

A nova geografia que estamos construindo não moverá as placas tectônicas do Planeta, refazendo aquele território contínuo perdido, mas certamente ajudará a transformar a realidade política e econômica internacional, aproximando-nos política, econômica, social e culturalmente.

O que nos trouxe a Abuja foi o desejo de unir africanos e sul-americanos para fazer ouvir nossa voz. Vamos formar uma estreita aliança entre dois continentes que se ressentem da exclusão a que tem sido relegados por tanto tempo.

Não faltarão quem manifeste seu ceticismo sobre esta reunião. Passamos por experiência semelhante quando organizamos a Cúpula América do Sul-Países Árabes. Alguns criticaram nossa iniciativa, movidos por preconceitos. Mostramos que eles estavam errados.

Desde então, as relações econômicas e comerciais entre a América do Sul e os países árabes aumentaram de forma extraordinária. Negociamos um acordo entre o Mercosul e o Conselho de Cooperação do Golfo. Avançamos em nossa cooperação cultural e estamos nos conhecendo melhor. Estivemos mais atentos e presentes no acompanhamento dos problemas políticos que afetam o mundo árabe.

Estou certo de que este nosso encontro renderá muito mais frutos ainda.

A associação entre nossas regiões nunca foi tão necessária, pois nosso mundo continua ainda marcado pela injustiça e pela desigualdade.

Persistem ameaças ao multilateralismo e à credibilidade do sistema internacional. Precisamos adaptar as instituições aos novos tempos. A reforma



da ONU é vital para fazer frente aos novos desafios.

O Conselho de Segurança reflete uma ordem internacional que não existe mais. Sua ampliação, com novos assentos permanentes e não-permanentes para países em desenvolvimento, é a chave para torná-lo mais legítimo e democrático.

Exemplo do novo multilateralismo que buscamos é a iniciativa internacional de combate à fome e à pobreza. Já estamos colhendo os frutos de nossos esforços de implementar mecanismos financeiros inovadores. A recente instalação da Central Internacional de Medicamentos é um passo decisivo no combate à Aids, malária e tuberculose, doenças que devastam os países mais pobres.

No campo econômico, africanos e sul-americanos também temos interesses comuns. Queremos ampliar o comércio de bens e serviços para promover o desenvolvimento. Mas as barreiras protecionistas e os bilionários subsídios agrícolas dos países ricos fecham os mercados aos nossos produtos.

As negociações na OMC estão paralisadas. Isso afeta terrivelmente a todos nós. O fracasso da Rodada de Doha teria consequências graves. O sistema multilateral ficaria desacreditado. Milhões de agricultores nos países mais pobres seriam condenados à indigência, aumentando a espiral de desesperança e violência.

Meus queridos amigos,

Nosso objetivo principal hoje é fixar os alicerces de um novo paradigma de cooperação Sul-Sul.

Os documentos que vamos assinar refletem uma agenda rica e diversificada, que inclui temas de cooperação ambiental em recursos hídricos, energias renováveis e biodiversidade.

Estamos também renovando o compromisso com os princípios que orientaram a criação, em 1986, da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul.

Nosso principal desafio é evitar que essa enorme vontade política se



esgote nos discursos e nas boas intenções. Seremos chamados a dar satisfação aos cidadãos e cidadãs de nossos países, que depositaram em nós suas esperanças.

Nossos povos desejam políticas sociais mais eficazes, maior intercâmbio científico e tecnológico, vínculos culturais mais sólidos e fortes correntes de comércio.

Nossas regiões estarão empenhadas, a partir de agora, em esquemas de cooperação em áreas como agricultura, energia, mineração, turismo, informática, saúde, educação, cultura e esporte.

E podemos fazer muito mais. Podemos, por exemplo, aumentar a oferta de serviços de transporte aéreo e marítimo entre a África e a América do Sul. A propósito, meu caro amigo Obasanjo, é com alegria que verifico que uma companhia brasileira está prestes a abrir uma linha aérea regular entre o Brasil e a Nigéria.

Desejamos conversar sobre tudo o que nos toca mais diretamente, dos processos de integração aos dilemas que enfrentamos nas duas regiões.

Vamos trabalhar lado a lado para superar os graves problemas sociais e econômicos que entravam o desenvolvimento das nações africanas e sul-americanas.

Para que haja justiça social no mundo, cada um deve fazer a sua parte. Nós, os líderes da África e da América do Sul, temos uma missão inadiável: levar esperança às populações excluídas dos dois lados desse rio chamado Atlântico.

Eu quero, meu caro Obasanjo, ao terminar as minhas palavras, dizer que é uma alegria estar aqui outra vez na Nigéria, poder me encontrar com tantos líderes africanos, sul-americanos, e dizer a todos vocês que depois de quatro anos na Presidência do Brasil, eu estou hoje muito mais convicto do que estava quatro anos atrás. Não existe saída para os nossos problemas econômicos, políticos e sociais se nós continuarmos a pensar que, sozinhos,



haverá saída para algum país da África ou da América do Sul. Ou nós tomamos consciência de que a saída é coletiva, de que os projetos de cada Estado podem ser específicos, mas têm que estar vinculados a uma estratégia da África e da América do Sul.

E com esse projeto estratégico formado, nós estabelecemos as negociações com o chamado mundo desenvolvido, para que nos trate com a justiça que nós merecemos, ou vai significar que no século XXI nós vamos continuar como terminamos o século XX, com os mesmos problemas econômicos, os mesmos problemas sociais e, por que não dizer, muitas vezes com os mesmos problemas políticos.

Por isso, eu quero terminar fazendo um chamamento a todos os líderes aqui presentes. Eu sei que muitas vezes as pessoas dizem que a reunião não aprovou nada, que a reunião não decidiu grandes coisas importantes para resolver o problema de cada país. Mas quem faz política sabe que só o fato de juntarmos aqui figuras importantes do continente africano, figuras importantes da América do Sul, pessoas que deixaram os seus países, que atravessaram o Atlântico e viajaram horas e horas para estar aqui, só esse fato demonstra que o século XXI poderá ser muito melhor para a África e para a América do Sul do que foi o século XX, depende única e exclusivamente das nossas decisões políticas.

Se formos, eu diria, frágeis nas decisões e não analisarmos o que aconteceu com os nossos países no século passado, daqui a 40, 50, 60 anos nós teremos os filhos dos nossos filhos, de cada país, analisando o fracasso que nós cometemos quando dirigimos os nossos países.

O que nós estamos fazendo aqui hoje é um desafio, é um desafio à (inaudível) política mundial, é um desafio ao (inaudível) da política internacional. O que nós estamos dizendo é pura e simplesmente que existimos, queremos respeitar todos os países, mas queremos ser respeitados



e queremos partilhar um (inaudível) que a Humanidade vem produzindo nos países.

Por isso, eu quero agradecer a presença de todos vocês e dizer ao presidente Obasanjo, mais uma vez, muito obrigado pelo carinho e pela recepção que nos deu.

Leia a entrevista do presidente Lula após abertura da Cúpula África-América do Sul

<http://www.info.planalto.gov.br/download/Entrevistas/pr1345.doc>